

11 JUL 1977

Arquivo-16/8/72

JORNAL DO BRASIL



Morte de Paulo Guerra deixa Arena-PE sem Senador direto no Senado

Paulo Guerra morre de câncer e sepultamento será às 10h

Recife e Brasília — O Governador Moura Cavalcanti decretou ontem luto oficial por três dias em Pernambuco, em virtude da morte do Senador Paulo Guerra (Arena-PE), ocorrida em Brasília às 23h30m de sábado. O Sr Guerra sofria de câncer no pulmão e seu estado vinha piorando desde maio, quando esteve hospitalizado. O enterro será às 10h de hoje, no Cemitério Santo Amaro. Foi velado no Palácio do Governo, no Campo das Princesas, em Recife.

O corpo do Senador chegou ao Aeroporto dos Guararapes às 14h30m de ontem e foi recebido por sua mulher, D Virginia, os filhos, o Governador Moura Cavalcanti (do qual se reaproximara nos últimos meses), o ex-Senador Wilson Campos e perto de 200 correligionários. O Governador, cuja posse havia sido combatida pelo Senador Guerra considerou sua morte "a perda de um grande companheiro e um batalhador incansável. No dia 1º de agosto, data da reabertura dos trabalhos legislativos, não haverá sessão no Congresso, por causa da morte do Senador Paulo Guerra.

FIM DO PSD

Líder de um dos maiores colégios eleitorais de Pernambuco, o Senador Paulo Guerra morre sem que o tenha deixado completamente para seu filho, o Deputado federal Joaquim Guerra. Apesar da doença, o Senador mantinha-se no comando do seu eleitorado, praticamente como o último grande pessedista do Estado.

Considerado um dos maiores articuladores da política pernambucana, o Sr Paulo Guerra foi também um dos mais ardorosos defensores da ação governamental no Nordeste na luta contra o subdesenvolvimento. Talvez por ter sido um orador apenas sofrível, muitas vezes não foi compreendido. Em geral, seu trabalho se desenvolvia nos bastidores da política.

Paulo Pessoa Guerra nasceu no Engenho Cumbe, Município de Nazaré da Mata, na zona canavieira, a 64 quilômetros de Recife, em dezembro de 1916. Aos 19 anos mudou-se para a Capital e entrou para a Faculdade de Direito e, ainda estudante, ligou-se a Agamenon Magalhães, que era inventor de Pernambuco

e o nomeou Prefeito de Bezerros, na região do agreste.

O trabalho do jovem Prefeito impressionou Agamenon que o indicou a Getúlio Vargas para ocupar a delegacia regional do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Mais tarde, Vargas o pôs na direção da Penitenciária de Itamaracá, onde fundou um dos seus mais fiéis colégios eleitorais. Até hoje, ninguém consegue eleger-se vereador ou prefeito sem o seu apoio.

CONSTITUINTE

Em 1945, ainda sob a tutela de Agamenon, elegeu-se constituinte, participou da elaboração da Carta de 46 e ligou-se oficialmente ao PSD, Partido pelo qual conquistou a reeleição à Câmara em 1950, integrando a bancada governista na eleição de Getúlio Vargas como Presidente constitucional do país.

Sua preferência pelo Recife, como lugar para morar e estar perto de sua numerosa família o levou, em 1954, a disputar um mandato estadual que se repetiria em 1958 e, quatro anos depois, ainda a serviço do PSD, entrou como Vice-Governador na chapa de Miguel Arraes. Eleitos, o desentendimento não tardou e o Sr Guerra acabou por criar o que chamava de "governo paralelo" (tinha tudo, até assessor de imprensa) por não confiar nos auxiliares nem no comando de Arraes.

Como tantos outros companheiros de chapa de governadores esquerdistas, Paulo Pessoa Guerra poderia ter sido cassado nos primeiros dias da Revolução de 64, já que participava da administração considerada comunizante. No início do ano, entretanto, impaciente com o radicalismo do Governador, o Vice buscou nas sugestões dos amigos o melhor caminho entre a renúncia ao cargo e a denúncia pública da ação de Miguel Arraes.

Mas os amigos deram-lhe o endereço de um general que, no Rio de Janeiro, reunia os militares na reação ao regime do Sr João Goulart. Marcado o encontro com o general, no Hotel Serrador, o Sr Paulo Guerra pôde contar ao General Humberto de Alencar Castelo Branco todas as suas angústias e receios em relação ao Governador Miguel Arraes.

Nesse encontro não apenas foi salvo das punições

em que poderia ter sido incluído como pôde assumir o Governo de Pernambuco para completar o mandato da Arraes que terminaria em 1967. Embora seu Governo não tenha sido de grandes realizações, voltou-se para a área rural em auxílio aos pequenos criadores. Lançou programas que lhes renderam substancial prestígio.

Nessa época uma intervenção sua durante uma reunião da Sudene custou-lhe numerosas críticas e desconfiças entre os norte-americanos que aqui fiscalizavam o emprego dos recursos do Programa Aliança para o Progresso. Disse Paulo Guerra que "o dinheiro da Aliança para o Progresso é como a linha do horizonte. Quando a gente pensa que está perto ele some".

PECUARISTA

A partir de 1970 dedicou-se à pecuária e foi talvez um dos maiores proprietários de terras do Nordeste. Tinha fazendas em vários municípios do Piauí, Maranhão, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. No Senado, já como arenista, se sua atuação não foi marcada por pronunciamentos brilhantes, teve, pelo menos, a defesa permanente da Sudene e dos programas prioritários para o desenvolvimento do Nordeste.

Chegou a propor uma espécie de Plano Marshall para a região. E o último documento importante que escreveu foi uma carta para o Presidente Geisel pedindo melhor tratamento para os Estados do Nordeste que, na sua opinião, sofria mais com o tratamento que lhe davam os burocratas do Governo do que com a seca.

Nessa carta, conseguiu uma façanha bem ao estilo do extinto PSD: as assinaturas de todos os integrantes da bancada pernambucana, inclusive dos emedebistas.

DOENÇA

Em maio, já bastante doente, concordou em voltar ao Senado no próximo ano por voto indireto, frustrando as expectativas de alguns deputados federais e ex-governadores. Não gostava de eleições indiretas, mas como elas foram tornadas realidade nas reformas de abril explicou que aceitara a candidatura sem problemas de consciência, pois não as propusera, não as aprovara e já estava por demais batizado em eleições diretas.